

BETAR & ARTES & LETRAS

#06 | MARÇO | 2019

Um dos mais influentes arquitetos
japoneses da sua geração,
no Museu do Oriente

Sou Fujimoto

B
Betar



Há 45 anos
na vanguarda
da engenharia



FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia n° 53, 2° Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Março é mais um mês recheado de boas propostas culturais. Das artes à música, passando pelo teatro e pelo cinema, várias são as opções em Lisboa, Porto e até no estrangeiro.

O arquiteto japonês Sou Fujimoto tem alguma da sua obra em exposição no Museu do Oriente; e no MAAT a proposta passa por examinar a explosão que tem vindo a acontecer no mundo da robótica. Quanto a teatro, “A boda”, do dramaturgo Brecht, é a sugestão do Centro Cultural de Belém. Na música Samuel Úria vai dar um concerto intimista no Porto; os The Gift passam pela Aula Magna; a Orquestra Metropolitana de Lisboa está envolvida num projeto da cineasta Teresa Villa Verde, que apresentará uma criação cinematográfica realizada a partir de uma obra de António Pinho Vargas, no CCB; e Shawn Mendes proporcionará um grande concerto para os seus fãs, na Altice Arena.

Para além dos eventos, como habitualmente, temos uma entrevista nas páginas da Artes&Letras. Desta vez, o entrevistado é o engenheiro Rui Coutinho, diretor do departamento de Asset Management das Infraestruturas de Portugal, que nos fala dos desafios das grandes Obras de Arte.

BETAR

O viaduto da Camama veio melhorar a travessia de um troço muito problemático devido aos condicionamentos provocados pelo elevado fluxo de viaturas



viaduto da Camama, projeto da BETAR, insere-se na obra de desnivelamento da Estrada Camama-Viana com a Estrada do Cemitério de Camama, em Luanda, Angola.

A obra é composta por um viaduto sobre uma rotunda e de muros de avenida que se prolongam cerca de 200 metros em cada sentido. O viaduto é uma estrutura porticada, com tabuleiro em laje nervurada em betão armado pré-esforçado e pilares-estaca em betão armado. Os encontros e muros de avenida são soluções tradicionais em betão armado. Concebeu-se uma obra simples e esbelta, privilegiando-se uma solução com manutenção reduzida.

A obra foi muito bem aceite pelos moradores dos distritos circundantes, uma vez que a população considera que o viaduto põe fim a anos de transtornos no trânsito.

Viaduto da Camama, Luanda, Angola

Ano do Projeto: 2016/2017

Ano da construção: 2018

Cliente: Mota-Engil

Dono de Obra: INEA – Instituto Nacional de Estradas de Angola

À CONVERSA COM



Engº Rui Coutinho

‘À base das nossas decisões de conservação e manutenção reside na atividade de inspeção e monitorização que perspetiva a identificação do momento mais vantajoso para intervir nas obras de arte’

A Infraestruturas de Portugal (IP) é a entidade responsável pela gestão de mais de sete mil obras de arte em Portugal.

Como é que se gere um parque tão vasto?

A gestão de um vasto grupo de obras de arte, tão diversas entre si, desde passagens hidráulicas até pontes e túneis de grandes dimensões, como a Ponte 25 de Abril ou o Túnel do Marão, envolve um conjunto de fatores, desde pessoas com fortes competências de engenharia, à sistematização da abordagem e à gestão das obras de arte e, também, uma forte aposta na colaboração com outras entidades que complementam a IP nesta atividade. Um dos aspetos fundadores da qualidade das estruturas está na sua origem, isto é, no projeto e na construção. A IP dispõe de competências nestas áreas, mas também contratamos serviços no exterior sempre que necessário. Depois, a base das nossas decisões de conservação e manutenção reside na atividade de inspeção e monitorização que perspetiva a identificação do momento mais vantajoso para intervir nas obras de arte. A IP instituiu também um conjunto de práticas de gestão de ativos que asseguram a coerência e alinhamento entre a estratégia da empresa e a nossa atividade no terreno. A avaliação do estado da infraestrutura ferroviária e rodoviária é realizada numa perspetiva qualitativa do desempenho, utilizando-se modelos de degradação para inferir o comportamento futuro e prever o melhor momento para intervir. A IP assegura

também que a atividade de inspeção às suas pontes é realizada segundo parâmetros técnicos normalizados internacionalmente e, em determinados casos, com limites concretos definidos contratualmente com o Estado Português. A execução em permanência desta atividade é um contributo determinante para a abordagem preventiva à ocorrência de falhas nos ativos e também numa abordagem preditiva quanto ao momento economicamente mais vantajoso para realização de intervenções de manutenção ou beneficiação das infraestruturas.

Em que medida é que a BETAR tem contribuído para superar os desafios das vossas necessidades?

A BETAR integra um alargado conjunto de parceiros especializados, de natureza pública e privada, que têm colaborado com a IP no sentido de complementar as nossas capacidades e competências. Para a IP é essencial que o mercado esteja capacitado com várias empresas detentoras de know-how e que as mesmas operem no âmbito de um salutar regime de concorrência. A base que fundamenta as melhores soluções para os problemas das infraestruturas decorre da conjunção de dois fatores: o conhecimento profundo dos ativos, do ponto de vista técnico e da sua função, assim como, a competência e experiência dos engenheiros envolvidos. É nestes fatores que está centrada a aposta da IP. A nossa atividade é centrada em atos de engenharia.



Ponte Açude sobre o rio Mondego, Coimbra



Ponte Metálica da Chamusca sobre o rio Tejo

Num contexto de importantes limitações no financiamento público, como é que se priorizam os investimentos?

As infraestruturas representam um encargo financeiro muito significativo para os contribuintes, sendo a Gestão de Ativos uma ferramenta central para a fundamentação das melhores opções de investimento. O princípio de que as infraestruturas atuais se manterão com elevados níveis de serviço a custos controlados é uma armadilha que deve ser evitada. Por outro lado, nas economias mais desenvolvidas como as europeias, dispendo de infraestruturas envelhecidas, deverá ser explorada a oportunidade de otimização dessas mesmas infraestruturas, com investimentos a custos mais razoáveis. Está em causa o balanceamento entre custos e desempenho dos ativos ao longo de um determinado horizonte temporal, sendo que o risco é a medida balanceadora dos diferentes cenários.

É uma obrigação de quem gere infraestruturas, sobretudo no setor público em que o dinheiro é fornecido pelos contribuintes, assegurar que cada euro que nos é entregue seja colocado no local e atividade em que mais falta faz, ou que gera maior retorno económico.

A qualidade das infraestruturas é também um fator de competitividade internacional e de crescimento económico. Quais são os desafios para o futuro?

Isso está de facto bastante documentado. Em Portugal, é reconhecida a relevância da IP para a salvaguarda das condições de segurança das suas infraestruturas. A nível geral, os principais desafios centram-se no financiamento, na qualidade da informação de gestão e numa política de incentivos e responsabilização que fomentem uma maior agilidade, uma visão de longo prazo e uma simplicidade de processos.

SUGESTÕES



ARTES

Exposição Sou Fujimoto

Um dos mais influentes arquitetos japoneses da sua geração, Sou Fujimoto procura reconduzir-nos às origens do espaço construído propondo-nos uma arquitetura inspirada na ideia de floresta. Estabelecendo uma analogia entre esta e a cidade de Tóquio, onde trabalha, aponta a experiência, a diversidade e o conforto como elementos de ligação entre estas duas realidades, com projetos que oscilam entre o “micro espaço doméstico” e a “mega estrutura urbana”. Edifícios de assinalável rigor geométrico, espacial e construtivo diluem a percepção da escala dos objetos e dos seus limites e respetivos usos. **ATÉ 26 MAIO**

Museu do Oriente



ARTES

Exposição Hello Robot: entre o humano e a máquina

Esta exposição examina a atual explosão no mundo da robótica. Inclui mais de 200 peças das áreas de design e arte, e contém robôs utilizados em casa, nos cuidados assistidos e na indústria, em jogos de computador e nos media. Demonstra a vasta panóplia de formatos e alerta-nos para as questões éticas, sociais e políticas associadas ao tema. “Hello Robot” apresenta-nos o fascínio que os robôs sempre exerceram sobre as pessoas; como a robótica avançou para a indústria e o mundo do trabalho; como nos adaptamos e aceitamos estas novas tecnologias; e como as fronteiras entre os humanos e os robôs são cada vez mais tênues. **ATÉ 22 DE ABRIL**



MAAT

Mais um mês recheado de boas propostas culturais. Das artes à música, passando pelo teatro e pelo cinema, várias são as opções em Lisboa, Porto e até no estrangeiro

TEATRO



A boda

Esta peça não nos conta uma história, espreita para dentro de uma situação dita normal. Nesse olhar quase indiscreto, percebemos que o habitual é uma ilusão e que, quando nos distanciamos, não passa de uma manta de retalhos complicados e cheios de buracos. Nesta boda tudo foi preparado: noivos e convidados vestem os fatos de festa, o banquete é imponente, o amigo decorou o discurso. Os convidados tentam ser amigáveis e sociáveis, ri-se, canta-se, dança-se, bebe-se. Mas estes esforços não chegam. Brecht observa o modo como os homens se comportam uns com os outros e como, mutuamente, se incomodam, e pretende fazer rir do sério.

23, 24, 25, 27 E 28 DE MARÇO

Centro Cultural de Belém
Encenação Ricardo Aibéo
Interpretação David
Almeida, Dinis Gomes,
Duarte Guimarães, Luís
Lima Barreto, Márcia Breia,
Rita Durão, Rita Loureiro,
Sofia Marques e João
Craveiro

MÚSICA E DANÇA



Samuel Úria

DIAS 21 E 22 DE MARÇO, PASSOS MANUEL, PORTO

“Marcha Atroz” é um conjunto breve de canções inéditas que, por um lado, servem de retrospectiva mas, por outro, são como um post-it para o futuro. Uma viagem no tempo em passo de marcha. Os concertos de apresentação do mini álbum, são com Samuel Úria e com Miguel Ferreira, e serão sempre diferentes.

The Gift

DIA 23 DE MARÇO, AULA MAGNA, LISBOA

Neste Verão os “The Gift” serão mais íntimos que nunca. No palco a intimidade ganha outra forma. Um espectáculo impreteável. Neste verão corre apenas uma brisa. Uma suave brisa. Lá fora o calor abrasador. Cá dentro ecoa um piano. Uma voz. Mil sons que são trazidos pela brisa quente que move as cortinas finas. Brancas.



Orq. Metropolitana de Lisboa

DIA 24 DE MARÇO, CENTRO CULTURAL DE BELÉM, LISBOA

Duas estreias, uma musical, outra cinematográfica. A cineasta Teresa Villa Verde inverte a habitual relação entre o filme e a banda sonora, propondo uma criação cinematográfica realizada a partir de uma obra de António Pinho Vargas, “Six Portraits of Pain” (2001). A música nasce primeiro, o filme surge depois.



Shawn Mendes

DIA 28 DE MARÇO, ALTICE ARENA, LISBOA

Shawn Mendes, o cantor e compositor multiplatinado e sensação do momento, detentor de vários tops, apresenta, em digressão mundial, o terceiro álbum de originais, homónimo. Depois de uma tournée esgotada em 2017, o luso-canadiano passa por Lisboa, para fascínio dos muitos fãs.



CINEMA

A Portuguesa



novo filme Rita Azevedo Gomes, parte de uma novela de Robert Musil, com adaptação cinematográfica de Agustina Bessa-Luís. No norte de Itália, século XVI, rente à assinatura de paz do Concílio de Trento, o filme trata da estranha união entre uma enigmática Portuguesa e o seu marido, von Ketten, um nobre de ascendência germânica. Selecionado para vários festivais internacionais, destacando-se a Seleção Oficial da Secção Forum, na Berlinale 2019, o filme é visto pela crítica como uma criação meticulosamente elaborada, de cores sedutoras, linhas firmes e espaços claramente concebidos em que a precisão faz do menor gesto uma explosão de expressividade. Olaf Möller, crítico e programador de cinema, descreve a obra como “elevada matéria para os olhos e ouvidos”.

Espaço Nimas
De Rita Azevedo Gomes
Com Clara Riedenstein,
Marcello Urgeghe, Rita
Durão, Pierre Léon, Luna
Picoli-Truffaut, João
Vicente, Adelaide Teixeira,
Manuela de Freitas,
Alexandre Alves Costa,
Ingrid Caven

PARA LER

A+A Books Guia de Arquitectura Carrilho da Graça: Projectos Construídos Portugal

O livro que foi lançado o mês passado é o terceiro da coleção da A+A Books, depois do lançamento de obras dedicadas ao trabalho dos arquitetos Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura. Nascido em Portalegre, João Carrilho da Graça, de 64 anos, galardoado com o Prémio Pessoa em 2008, é autor, entre outros projetos, da Escola Superior de Comunicação Social, concluída em 1993 — galardoada com o Prémio Secil no ano seguinte —; do Museu do Oriente; da musealização arqueológica da Praça Nova do Castelo de São Jorge; da Escola de Música da Escola Politécnica, entre muitas outras obras. O arquitecto foi, por sete vezes, nomeado para o prémio europeu de arquitetura Mies van der Rohe; distinguido com o Prémio Valmor pelo Pavilhão do Conhecimento dos Mares (1998) e pela Escola Superior de Música de Lisboa (2008).



João Tordo A mulher que correu atrás do vento

1892, Baviera. Lisbeth, uma professora de piano, apaixonada por um aluno de 13 anos que sofre de autismo e fá-lo desaparecer. 1991, Lisboa. Beatriz, uma estudante universitária envolve-se com o autor de um romance sobre Lisbeth e conhece Lia, uma jovem adolescente com um passado incógnito e um presente destruído. 1973, Londres. Graça, portuguesa, dá à luz a única filha. Regressa a Lisboa após a Revolução, tornando-se atriz e abandona a filha ainda criança. 2015, Lisboa. No consultório de uma terapeuta, Lia fala dos anos de mendicância e do momento em que decide procurar a mãe. É aqui que começam a unir-se as pontas de um romance a várias vozes: a história de quatro mulheres que atravessam um século de História e diferentes geografias, unidas por uma força que transcende a própria vida.



A Selva Ferreira de Castro

Um rapaz cruza o Atlântico fugido das perturbações políticas do Portugal do início do séc. XX, com destino incerto para o Brasil. Acaba num seringal a recolher o látex que haveria de ser transformado em borracha, enredado num esquema de sobrevivência e numa luta desesperada pelo dia de amanhã. Mais do que um grande pano de fundo, a luxuriante arborização da selva amazónica é uma personagem de primeiro plano, simultaneamente admirável e implacável. A selva exala uma poesia forte, verde e cálida, indiferente ao homem que nela se consome e a ela entrega a sua liberdade e a sua existência, mas onde também se desenrolam histórias de uma profunda humanidade.

Esta história tem muito de autobiográfico. Com 12 anos, Ferreira de Castro emigra para o Brasil, onde dá por si embrenhado na Amazônia a trabalhar num seringal. Durante anos, após regressar, sonha repetidas vezes que regressa à selva, de cabeça baixa e braços caídos, como se retornasse a um presídio. A criação desta história teve um efeito catártico, fruto da necessidade de se libertar dessa prisão emocional. Refere mais tarde o autor que por vezes teve de suspender bruscamente o trabalho, por não poder suportar mais o clima que ele próprio criara.

“A Selva” é um livro sobre o drama dos homens perante a prepotência de outros homens, entrelaçado com o drama do homem que se quer impor à natureza. É um romance de 1930 que não deixa de ser atual no tema...



Um livro inesquecível
por Rita Salgado Brito

OPINIÃO

NO MUNDO



Balthus Thyssen-Bornemisza, Madrid

Balthus é considerado um dos grandes mestres do século XX e um dos pintores mais singulares do seu tempo. O seu trabalho, diversificado e ambíguo, seguiu uma direção completamente contra a ascensão das vanguardas e poderia ser descrito como “pós-moderno”. Balthus desenvolveu um estilo figurativo que desafia a classificação, com uma linguagem pictórica que combina procedimentos dos Antigos Mestres com aspetos do Surrealismo e cujas imagens envolvem inúmeras contradições. **ATÉ 26 DE MAIO**



Perdidos, soltos e amados: artistas estrangeiros em Paris 1944-1968 Musei Rainha Sofia, Madrid

Este programa explora a contribuição de artistas estrangeiros que, após a II Guerra Mundial, continuaram a trabalhar em Paris. A cidade, na época, reconstruindo-se política, social e economicamente, tentava renovar a velha imagem da “Escola de Paris”. Esta ampla exposição coletiva reflete a vitalidade da cena artística em toda a sua complexidade, mostrando as diferentes tendências criativas e permite que os espectadores se apercebam dos discursos de mudança ao longo dos anos.



Tallin Music Week Tallin, Estónia

Um programa musical de três dias oferece uma mistura de vários géneros musicais: dos sons populares ao pop gráfico, da dança ao metal e do folk ao clássico contemporâneo, há estilos para todos os gostos. O Tallin Music Week, um importante festival de música que acontece na capital estónia, pretende proporcionar uma experiência singular através dos mais diversos sons de todo o mundo e, este ano, apresenta cerca de 200 artistas. **DE 28 A 30 DE MARÇO**

MOÇAMBIQUE



Futuros presidentes de Moçambique Camões - Centro Cultural Português em Maputo

Este é um trabalho assinado pelo fotógrafo Luís Mileu e pelo escritor Ricardo Henriques que, durante duas semanas, estiveram em Cabo Delgado e em Nampula, a convite da Helpo, para captar a realidade em que vivem muitas crianças moçambicanas. Dessa viagem pelo norte do país resultou o trabalho que agora vai ser apresentado em Maputo e que esteve já patente em Lisboa, na Assembleia da República. A mostra apresenta os rostos e conta a história de 20 crianças que vivem em zonas rurais vulneráveis, evidenciando também o retrato das comunidades em que estão inseridas. **ATÉ 29 DE MARÇO**



Mozambique Afro Swing Exchange Florestinha do Indico, Ponta do Ouro

O Mozambique Afro Swing Exchange é um festival de música que promove o intercâmbio cultural internacional. Reúne anualmente artistas moçambicanos e estrangeiros de todo o mundo para celebrar e promover a paz e a diversidade cultural no planeta. Nesta edição de 2019, os artistas convidados são a banda HODI, Onesia Da Cristina Muholove, Cauaneque Nikos e Sarmiento De Cristo Cossa. Mais do que concertos, o espetáculo tem um carácter social de relevo no país. Apesar do festival decorrer na Ponta do Ouro, o concerto de abertura realiza-se, dia 11 de Março, antes em Maputo no Arte no Parke com a Companhia de Canto e Dança HODI, Makawela e Carolina Naete.

DIA 15 DE MARÇO





Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

**Ponte de Caia,
Moçambique**